

REVISTA PEDAGOGIA SOCIAL UFF

ENTREVISTA: Profa. Dra. Rosane Barbosa Marendino



Rosane Barbosa Marendino é professora associada na Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense. Graduada em Psicologia e Pedagogia e Doutora em Educação. É pesquisadora associada ao Núcleo de Estudos e Pesquisas Cultura, Memória, Narrativa, Imaginário e Educação (CIMNE/UFF) e ao Laboratório de Acesso e Permanência (LAP/UFF). Instagram @ro_marendino E-mail: rmarendino@id.uff.br

1- Como foi o seu encontro com a Pedagogia Social?

Em 2020, ao ser convidada pela professora Margareth Martins para integrar temporariamente o grupo de docentes do PIPAS, deu-se início meu trajeto junto ao Projeto, através de uma estrada permeada de encontros, experiências e descobertas.

[...] ao ser convidada pela professora Margareth Martins para integrar temporariamente o grupo de docentes do PIPAS, [...].”

A partir de então, tenho participado de várias atividades do PIPAS, que vão desde convites para composições em Bancas de Mestrado até para participações em obras publicadas pelo grupo.

2- Qual o papel da Pedagogia Social em sua vida?

Nos diálogos iniciais, mantidos com a Pedagogia Social, a ideia de que as comunidades são uma construção social que exigem planejamento e intervenção mediatizada pela realidade, também me trazia a indagação sobre os pressupostos epistemológicos e metodológicos nos quais estariam pautados os modos de ser, sentir e agir dos pedagogos sociais. Vinda de ‘fora’, se fazia importante capturar os paradigmas que conduziam o método.

[...] a Pedagogia Social vem me proporcionado pelas vias das leituras de dissertações, artigos, obras e conversas cotidianas. É que a Pedagogia Social pressupõe, sem dúvidas, ações que despertam, mobilizam e afetam quem se aproxima.

O pensamento sócio crítico evidentemente estava presente. Porém, não me parecia suficiente para interpretar a complexidade que eu andava percebendo nos textos e contextos. Sendo assim, o paradigma interpretativo/hermenêutico surgiu nas observações que eu fazia do que lia e via. Percebi que estava em solo próximo aos autores e pensadores que fundamentam meu campo de pesquisa e minha vida acadêmica. Um desses pilares diz respeito ao papel da memória que, como nos diz Ecléa Bosi, trata-se de uma “substância social”. Segundo a autora, “a história, que se apoia unicamente em documentos oficiais, não pode dar conta das paixões individuais que se escondem atrás dos episódios” (BOSI, 2003, p. 15). Sem considerar as emoções, os costumes e as diversas visões de mundo dos sujeitos, estaríamos fadados a uma leitura reduzida do contexto sócio-histórico e da vida. Esses encantamentos fazem parte das descobertas que a Pedagogia Social vem me proporcionado pelas vias das leituras de dissertações, artigos, obras e conversas cotidianas. É que a Pedagogia Social pressupõe, sem dúvidas, ações que despertam, mobilizam e afetam quem se aproxima. Ao contatá-la, percebi sua ascensão nos meus próprios paradigmas.

3- Como você vê a Pedagogia Social no panorama do seu país e no mundo?

Não estamos sozinhos e não fazemos nada sozinhos. Nos tempos presentes, em que o ódio, a indiferença social e o descaso com o outro encontram-se tão presentes nas relações sociais e no debate público, é ameaçador que um modelo que ataque qualquer forma de democracia nos subjuguem. As tensões políticas e simbólicas se acirram, reforçando discursos de desumanização.

Na perspectiva de um trabalho possível, ela nos conduz ao reconhecimento da importância da “práxis”, entendida por Freire (1982, p. 40) como uma “reflexão e ação dos homens sobre o mundo para transformá-lo”.

Portanto, faz-se necessário e urgente reconhecer essas características, sobretudo no âmbito da colaboração que a Pedagogia Social traz ao pensar as implicações e desafios que o aumento da desigualdade social produz. Crer e ver - através das lentes do “esperançar” que tanto nos fala Freire (2000) – que há um possível paradigma da potência que, por sua vez, se pauta no reconhecimento do poder inventivo que os grupos possuem, é uma reflexão que está nas obras dos autores da Pedagogia Social. Na perspectiva de um trabalho possível, ela nos conduz ao reconhecimento da importância da “práxis”, entendida por Freire (1982, p. 40) como uma “reflexão e ação dos homens sobre o mundo para transformá-lo”.

4- Últimas palavras...

Para Franco (2008, p. 82): “A práxis é ativa, é vida, dá movimento à realidade, transforma-a e é por ela transformada”. Por sua vez, a Pedagogia Social é uma concepção que pensa a prática educacional como uma práxis pedagógica que está na escola e, ao mesmo tempo, está para além dela. Portanto, requer em certo grau de conhecimento dessa realidade e das suas necessidades, vulnerabilidades, faltas e excessos.

“Quando olho para meu passado e penso no lugar ocupado pelos afetos, pela solidariedade, pela esperança, pela humanização, pela superação, pelas transformações, penso que eu já praticava a Pedagogia Social na minha vida. É sempre possível fazer algo por alguém.”

Quando olho para meu passado e penso no lugar ocupado pelos afetos, pela solidariedade, pela esperança, pela humanização, pela superação, pelas transformações, penso que eu já praticava a Pedagogia Social na minha vida. É sempre possível fazer algo por alguém. É sempre possível tomar atitudes e buscar soluções. Não há novidades nisso.

Talvez, o maior desafio seja buscar pares que queiram o mesmo, com a mesma disposição, sentimentos, aderência, sensibilidade e compreensão.

No, por vezes, asséptico ambiente acadêmico, isso se torna ainda mais difícil exatamente por nos depararmos com os tais pequenos poderes, com os mitos de genialidade e as vaidades intelectuais. São *modus operandis* que acabam interferindo na própria ideia de práxis que falei há pouco. Na pressão de viver situações em que a antiautonomia impera, encontro alívio em lugares que falam de liberdade, de criatividade, de humildade, de solidariedade.

A vida acadêmica deve ser conduzida pelo efetivo trabalho, por vezes mais duro e por vezes mais leve, e não pela ilusória sensação de genialidade e distanciamento. Assim, me encontro com o grupo PIPAS, meio a uma pandemia do COVID-19, que nos assolava e pressionava a encontrar novas formas de pensar, sentir e agir no mundo.

Formamos, de imediato, um elo colaborativo, uma aliança honesta, séria e generosa. Em cada trabalho lido, em cada aula dada, em cada texto escrito, em cada amizade construída, eu me senti encorajada, livre, criativa e sedenta por fazer acontecer.

Assim, a Pedagogia Social tem feito sua parte em mim, tornando-se fonte de inspiração para sonhar, para fazer e, também, para resistir diante dessa seara marcada por tantas desigualdades e vulnerabilidades sociais. Um potente alento.

Referências Bibliográficas

BOSI, Éclea. O Tempo Vivo da Memória: Ensaios de Psicologia Social. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Esperança. São Paulo: Paz e Terra, 2000

_____. Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.

FRANCO, Maria do Rosário. Pedagogia como ciência da educação. Ed. São Paulo: Cortez, 2008.